



Drama na Neve

Para a garota desamparada,
parecia que o carro queria enterrá-la viva

CAROLE TAYLOR

A CONTECEU tudo num segundo — e eu fiquei atordoada, chocada, incrédula. «Não pode ser!» pensei eu. «Isto não pode ter acontecido!»

Mas acontecera. Lá estava eu, absolutamente sozinha, presa debaixo do meu carrinho, o motor ainda em funcionamento, as rodas traseiras girando e se enterrando cada vez mais

na neve, a parte superior do meu corpo terrivelmente gelada, minhas pernas queimando com o calor do escapamento, uma neve miúda caindo sobre o meu rosto e ninguém que pudesse encontrar-me, por dias seguidos...

Minha incrível provação começou na noite de terça-feira, 20 de fevereiro de 1972. Terça-feira era sempre um dia pesado para mim,

no Hospital de Clínicas de Montreal. O meu trabalho de secretária médica inclui a supervisão do Serviço de Registro de Tumores, e cerca de 70 pacientes tinham exames marcados para a manhã seguinte. Eu tivera de trabalhar até bem tarde naquela noite para pôr em dia as fichas dos pacientes de quarta-feira.

Às 23h 45m entrei finalmente no meu carro, para o percurso de 20 minutos até ao meu apartamento. A noite estava gelada e caía neve. A um quilómetro e meio do hospital, lembrei-me de repente que tinha esquecido de arrumar as fichas do dia seguinte por ordem alfabética, um detalhe de rotina importante para assegurar o funcionamento eficiente da clínica.

Abandonei a rodovia e tentei achar um atalho que me levasse de volta ao hospital, através de ruas desconhecidas. Dei comigo na Rua Selby. A neve era fofa, sem marcas de pneus, e pelo jeito como o carro sacudia percebi que a rua não era calçada. De repente, os meus faróis iluminaram as obras inacabadas na Rodovia Transcanadense, e eu percebi que estava num beco sem saída.

Imprudentemente, tentei dar a volta. As rodas traseiras do carro derraparam na neve quando tentei subir a ladeirinha e logo correram para trás. E foi assim que eu fiquei presa — e bem presa.

Saí do carro. Fazia um frio horrível. Só dava para ver os pilares da passagem elevada sobre

a rodovia e uma fábrica abandonada, obviamente à espera da turma de demolições. Nenhuma luz, nenhum som. Não tinha a mínima idéia de para onde me dirigir em busca de ajuda.

Calma, disse comigo mesma. *Vamos pensar*. Lembrei-me de um truque de direção que o meu irmão me tinha ensinado. Estando sozinho, quando lhe acontecia atolar na neve ou na lama, ele puxava o acelerador de mão, engatava a primeira, empurrava o carro para fora do buraco, saía correndo atrás e saltava para dentro. Na ocasião, a coisa não me impressionara muito, mas agora parecia ser a única solução para o meu problema.

A traseira do carro estava voitada para a descida. Dei partida no motor, puxei o acelerador, engatei a marcha-a-ré, deixei a porta aberta e comecei a empurrar pelo pára-choques dianteiro. O carro andou uns quatro ou cinco centímetros e tornou a enterrar-se na neve.

Mas o truque *dava* certo, e eu criei coragem. Desta vez, aguentei firme enquanto empurrava com toda a força. O carro patinou de lado e começou a deslizar para trás.

Corri até alcançá-lo, e ultrapassei-o, para poder pular para o assento quando ele passasse por mim. De repente, as minhas botas escorregaram na neve e as minhas pernas perderam o apoio. A roda traseira do lado do volante passou sobre as minhas pernas e o fundo do carro prendeu-me contra o solo.

Por um segundo, não pareceu

verdade. Em seguida pensei: *Desta vez, você está mesmo arranjada.* Tentei sacudir-me, empurrar, virar de lado — qualquer coisa para sair de baixo daquele carro. Tudo inútil. Minha perna direita estava bloqueada tão fortemente que só conseguia mexer ligeiramente o tornozelo. Meu braço direito estava preso do cotovelo para baixo. Conseguia mexer a perna esquerda alguns centímetros para o lado e o braço esquerdo estava livre. As costas doíam e o menor movimento aumentava a dor.

Fiquei ali estendida, arquejando. O barulho do motor funcionando parecia incrivelmente forte. As rodas da frente tinham-se virado para a direita e a roda esquerda estava a cerca de um metro, apontada para a minha cabeça. Qualquer movimento do carro a traria mais perto. Meu relógio marcava 00h 08m.

Alguém há-de aparecer, pensei. Mas quem? A esta hora da noite, quem é que vai passar por um beco sem saída como este? Várias histórias que eu tinha lido acudiram-me à memória: o garoto que nadava sozinho e se afogou; a família apanhada num incêndio; a mulher encontrada morta, presa num carro que saíra da estrada e caíra num barranco. *Pare com isso. Vá com calma. Ache um jeito.* Fiz força para a frente e para trás, tentando balançar o carro com a mão esquerda. Nada.

Isto deve ser um pesadelo. Daqui a pouco, vou acordar na minha cama

quentinha e gostosa e tudo terá terminado. Rodei a cabeça e espiei outra vez o relógio. O tempo passava. O que estava acontecendo era muito real.

Agora as minhas canelas, apertadas contra o tubo de escapamento, estavam queimando e o barulho do motor parecia cada vez mais forte. *Tenho de parar com este barulho, com este tubo me queimando. Se parar o barulho, talvez eu consiga pensar numa solução.*

Enchi de neve um buraco no tubo de escapamento, tentando desesperadamente sufocar o motor. Só consegui queimar a mão e machucar o braço. Agora tinha dores lancinantes por todo o corpo. E sabia que, quanto mais as rodas de trás se afundassem na neve, mais o carro pesaria sobre mim.

Tinha de dar um jeito de encontrar alívio. Qualquer coisa! Se era para morrer, quanto antes melhor. Virei o corpo na direção do escapamento e inspirei profundamente, na esperança de absorver o máximo de gases. Em vão. O vento soprava ao contrário, e o esforço de manter o corpo torcido provocava dores cruciantes ao longo da minha espinha. Caí para trás, vencida pelo desânimo.

Subitamente, fui despertada do meu sofrimento por uma alteração no barulho do motor. As rodas em movimento agarraram contra o chão, e o carro andou de lado uns 30 centímetros, movendo-se sobre o meu corpo. Durante alguns segundos tive um enorme alívio. Mas, quando

as rodas traseiras voltaram a girar na neve, o carro caiu sobre a minha região pélvica.

Sentia dores no corpo todo. Eu não tinha convicções religiosas profundas, mas naquele momento dei comigo rezando, rezando mesmo, espontaneamente e honestamente. Eu sabia que, se algum socorro aparecesse, teria sido enviado por Deus. *Por favor, meu Deus, tire-me daqui. Se o fizer, acreditarei mesmo em Si.* Desesperadamente, comecei a fazer promessas e mais promessas — ser boa, parar de fumar... *Mas que estou eu fazendo, meu Deus, tentando fazer negócio consigo? Simplesmente, ajude-me, por favor.*

Meu relógio parara às duas da madrugada, e eu agora tinha apenas uma vaga noção do tempo. Tentei obrigar-me a dormir, na esperança de escapar aos horrores que estava sofrendo. Mas o sono não conseguia vencer o ruído do motor.

Eu tinha ficado mexendo constantemente a minha perna esquerda para evitar que gelasse. Senti-a bater em qualquer coisa. Uma pedra? Um pau? Percebi, de repente, que estava chutando a minha perna direita, agora insensível. Havia trabalhado no hospital o tempo suficiente para saber que quando a circulação de um membro é interrompida durante um período considerável instala-se a gangrena e o membro tem de ser amputado. Partes dos meus ombros e costas estavam também cada vez mais entorpecidas. O carro parecia querer enterrar-me viva.

Deviam ser umas três horas quando ouvi o ruído do motor de um caminhão. Daí a pouco ele estava suficientemente perto para eu conseguir ver as luzes vermelhas que delineavam a sua carroceria. Era inútil gritar, por isso falei com o caminhão: *Por favor, você tem de chegar perto. Veja os meus faróis. Está me vendo? Venha! Não posso esperar mais. Agora!*

Com os faróis do caminhão desaparecendo, toda a minha recém-nascida esperança desapareceu também. O pouco de força que me restava no corpo parecia esvair-se pelos poros, e um súbito e insano terror se apoderou de mim. Gritei: *Socorro! Ajude-me! Rua Selby! Rua Selby!* Enquanto os meus gritos morriam no silêncio, deixei-me cair, completamente exausta, e fechei os olhos.

Ouvi então, outra vez, aquela alteração agourenta no ruído do motor. O carro mexeu-se, rolou um pouco e em seguida assentou-se sobre o meu tórax. A roda esquerda no meu ombro. Seu movimento seguinte esmagaria o meu rosto.

Era quase impossível respirar agora, e eu estava certa de que a morte já não estava longe. Comecei a pensar se as pessoas que me encontrariam teriam idéia do que eu tinha passado. Não conseguia fechar os olhos nem por um segundo, porque, quando o fazia, via sempre a minha cabeça explodindo sob o peso do carro.

Minha mente girava continuamente em círculos cada vez mais

amplos. Eu não queria ver o momento da morte. *Relaxe*, disse para mim mesma. *Você está terrivelmente cansada. Não pense que o barulho do motor está deixando você louca; deixe que ele a embale e adormeça. Se adormecer, tudo terá terminado. Meu Deus, por favor, ajude-me. Por favor, faça-me perder a consciência e deixe-me morrer.*

De repente, outro ruído de motor trouxe-me de volta à realidade. Avistei a luz trêmula de faróis. Eles desapareceram e reapareceram em seguida, mais fortes. O carro se aproximava! Um tremor de pânico sacudiu-me. Eu estava semi-enterada na neve e quase completamente sob o carro. O motorista podia passar e não me ver. Lentamente, penosamente, levantei meu braço esquerdo do cotovelo para cima e tentei acenar.

Ouvi uma porta de carro abrir-se e passos soando através da neve. Uma voz de homem disse: «Oh, meu Deus!» Olhei para o alto e vi dois jovens guardas. Já não estava sozinha.

Um dos guardas disse: «Faça-a continuar falando. Vou pedir ajuda pelo rádio.»

O outro guarda ajoelhou-se ao lado do meu rosto. «Como é que você se sente?»

Eu sentia-me paralisada e o meu corpo todo doía horrivelmente. Eu queria dizer «Agradecida», mas não conseguia mexer a boca.

Logo ouvi outros carros, rápidas trocas de palavras. Quatro homens levantaram a frente do

carro, enquanto um quinto me puxava cuidadosamente pelas axilas.

Puseram-me numa maca e cobriram-me com cobertores. Não conseguia parar de tremer com calafrios e arrepios. Mas era maravilhoso, inacreditavelmente maravilhoso, não ter mais aquela terrível pressão sobre mim, não ouvir aquele motor horrível.

No hospital, os médicos cortaram a minha roupa queimada e rasgada. Minha perna direita estava muito inchada e quase completamente sem cor. Inicialmente, os médicos suspeitaram que eu tivesse a bacia fraturada, mas, milagrosamente, nenhum osso estava quebrado.

Colocaram-me numa cama aquecida, mas não consegui dormir. Tinha medo de fechar os olhos, medo de que a minha segurança não fosse real. Às 7h 30m da manhã apareceu uma enfermeira e perguntou: «Você quer telefonar para alguém?»

Aí eu me lembrei. «Por favor, telefone para Megan Hayes.» Megan e eu trabalhamos juntas. Quando ela atendeu, contei-lhe que tinha tido um acidente. «Estou no hospital, mas não vou poder trabalhar. Será que você podia vir já para cá?»

«Vou já para aí ver você.»

«Não, não, Megan, não é por mim. Você tem de vir para arrumar as fichas em ordem alfabética para as consultas desta manhã.»

Mais tarde, contaram-me que eu fora encontrada às 4h 16m da manhã. Os dois guardas, Vern Wooley e Ron Rollauer, patrulhavam aquela

área havia mais de uma semana, mas nunca tinham entrado no trecho sem saída da Rua Selby, que estava abandonado. Na noite do acidente, Rollauer tinha dirigido durante a primeira parte da ronda, das 23h 30m até às três, passando duas vezes pela parte deserta da Rua Selby. «Depois fomos comer na delegacia», contou Wooley, «e eu peguei no volante quando já eram quatro horas da manhã. Não tinha qualquer intenção de patrulhar aquele trecho de rua sem uso. Não havia razão. Entretanto, quando chegamos lá,

simplesmente entrei, sem pensar.»

Seu impulso inconsciente nunca deixará de me fazer pensar.

Nota de Redação: Carole Taylor ficou hospitalizada durante oito dias, depois passou um mês de convalescença antes de voltar ao trabalho. Sua perna direita ainda está fraca, e ela cansa-se facilmente. Os médicos são da opinião de que serão necessários vários meses para que os efeitos da sua experiência desapareçam completamente, mas Carole não se importa, realmente. Depois de passar quatro horas à espera da morte, a vida parece-lhe imensamente boa.



RECENTEMENTE, o meu patrão, diretor de uma firma de madeiras para construção, recebeu o telefonema de uma cliente que queria mandar construir uma cerca. «Meu novo vizinho não cuida do seu jardim», explicou ela, «e as ervas daninhas estão começando a invadir o meu jardim.»

Ele assegurou-lhe que teria muita satisfação em ajudá-la e pediu-lhe o endereço. Ao tomar nota, qual não foi a sua surpresa. «Minha senhora», disse-lhe solenemente, «não poderia ter batido em melhor porta. O seu vizinho sou eu.»

— J. A. W.



DE TERNO marinho, o homem dirigiu-se apressadamente para a cabina de telefone público ocupada por uma mulher e começou a andar de um lado para o outro. Depois bateu no vidro da cabina. A mulher pôs a cabeça de fora e gritou: «O senhor não vê que estou fazendo uma chamada importante?»

«Desculpe-me», disse o homem, torcendo as mãos nervosamente.

A mulher retornou à sua conversa, enquanto o homem continuava andando de um lado para o outro. Finalmente, ela olhou de novo para ele, abriu a porta e disse, irritada: «Quer fazer o obséquio de parar com isso! Afinal de contas, quem o senhor pensa que é?»

«Minha senhora», respondeu o homem, num sussurro ofegante, «eu sou Clark Kent.»

— B. O.